© José Malhoa

LUÍS VAZ DE CAMÕES

A Biblioteca Municipal de Coimbra comemora, em 2024, os 500 anos do nascimento do poeta português.

Janeiro – biografia
Fevereiro – O amor em Camões
Março – *Os Lusíadas*
Abril – Obra literária
Maio – Dia Mundial da Língua Portuguesa
Junho – Símbolo nacional português
Julho – Inês de Castro n' *Os Lusíadas*

Luís Vaz de Camões

Poeta português, filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá e Macedo, Luís Vaz de Camões terá nascido por volta de 1524, não se sabe exatamente onde, e morreu a 10 de junho de 1580, em Lisboa. Pensa-se que estudou Literatura e Filosofia em Coimbra, tendo tido como protetor o seu tio paterno, D. Bento de Camões, frade de Santa Cruz e chanceler da Universidade. Tudo indica que pertencia a uma aristocracia empobrecida, que procura no serviço das armas um modo de vida.

A história de Luís Vaz de Camões confunde-se com as memórias de um Portugal em expansão, estando circunscrita por muitos pontos de interrogação.

Atribuem-se-lhe vários desterros: um para Ceuta, onde se bateu como soldado e em combate perdeu o olho direito; o segundo para Constância, entre 1547 e 1550, porventura resultante de ofensas a uma certa dama da corte.

Em Lisboa levava, ao que parece, uma vida de estúrdia, tendo sido preso no tronco da cidade por haver assaltado, numa briga, com outros companheiros seus, um servidor do paço. Saiu logo no ano seguinte, inteiramente perdoado pelo agredido e pelo rei, conforme se lê numa carta enviada da Índia, para onde partiu nesse mesmo ano, quer para mais facilmente obter perdão quer para se libertar da vida lisboeta, que o não contentava.

Segundo alguns autores, terá sido por essa altura que compôs o primeiro canto de *Os Lusíadas*.

Na Índia parece não ter sido feliz. Goa dececionou-o. Tomou parte em várias expedições militares e, numa delas, no Cabo Guardafui, escreveu vários belos poemas. Viajou de seguida para Macau, onde exerceu o cargo de provedor-mor de defuntos e ausentes, e escreveu, na gruta hoje reconhecida pelo seu nome, mais seis Cantos do famoso poema épico.

Em data que é impossível precisar, Camões naufragou nas costas do Camboja, ou atual Vietname, salvando das águas o manuscrito d' *Os Lusíadas*, como ele próprio declara (X, 128). Nesse naufrágio viu morrer a sua "Dinamene", rapariga chinesa que se lhe tinha afeiçoado.

Ao cabo de três anos de serviço militar, provavelmente em 1556, Camões foi licenciado, tendo depois aceitado, tanto quanto é possível julgar, o desempenho de funções públicas.

Em Goa sofreu caluniosas acusações, dolorosas perseguições e duros trabalhos, vindo Diogo do Couto a encontrá-lo em Moçambique, em 1568, "tão pobre que comia de amigos", trabalhando n'*Os Lusíadas* e no seu *Parnaso,* "livro de muita erudição, doutrina e filosofia", segundo o mesmo autor.

A 24 de Setembro de 1571, Camões obteve de D. Sebastião o alvará que lhe permite imprimir Os Lusíadas por um período de dez anos. Em 1572 sai a obra, em Lisboa, em casa do impressor António Gonçalves e, em 28 de julho do mesmo ano, D. Sebastião concede ao poeta uma tença anual de 15000 réis, a pagamento desde 12 de março, pelos serviços que este lhe havia prestado na Índia, e não apenas para o compensar pela publicação d' Os Lusíadas. Esta tença foi paga irregularmente, mas sempre na sua totalidade, dela beneficiando, por ordem de Filipe II de Espanha, a mãe do poeta, que lhe sobreviveu. É graças a esta documentação que sabemos que a morte de Camões ocorreu em Lisboa, a 10 de Junho de 1580.

Os últimos anos de Camões foram amargurados pela doença e pela miséria. Reza a tradição que se não morreu de fome foi devido à solicitude de um escravo Jau, trazido da Índia, que ia de noite, sem o poeta saber, mendigar de porta em porta o pão do dia seguinte.

O certo é que morreu a 10 de junho de 1580, sendo o seu enterro feito a expensas de uma instituição de beneficência, a Companhia dos Cortesãos. Um fidalgo letrado seu amigo mandou inscrever-lhe na campa rasa na Igreja de Sant'Ana (Lisboa) um epitáfio significativo: "Aqui jaz Luís de Camões, príncipe dos poetas do seu tempo. Viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu." Em 1880, as ossadas do poeta foram trasladadas para o Mosteiro dos Jerónimos.

Se a escassez de documentos e os registos autobiográficos da sua obra ajudaram a construir uma imagem lendária de poeta miserável, exilado e infeliz no amor, que foi exaltada pelos românticos (Camões, o poeta maldito, vítima do destino, incompreendido, abandonado pelo amor e solitário), uma outra faceta ressalta da sua vida. Camões terá sido de facto um homem determinado, humanista, pensador, viajado, aventureiro, experiente, que se deslumbrou com a descoberta de novos mundos e de "Outro ser civilizacional".

Por isso, diz Jorge de Sena: "Se pouco sabemos de Camões, biograficamente falando, tudo sabemos da sua persona poética, já que não muitos poetas em qualquer tempo transformaram a sua própria experiência e pensamento numa tal reveladora obra de arte como a poesia de Camões é."

A 10 de junho, comemora-se o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Livremente adaptado de: Porto Editora – *Luís de Camões* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-01-23 12:42:02]. Disponível em https://www.infopedia.pt/$luis-de-camoes

O amor em Camões

O poema de Camões é um soneto italiano. O soneto é uma forma fixa de poesia que consiste em quatro versos: os dois primeiros com quatro estrofes (quartetos) e os últimos com três estrofes (tercetos). Começa com a apresentação de um tema, que passa a ser desenvolvido, e, geralmente no último verso, contém uma conclusão que esclarece o tema.

A poesia de Camões segue a fórmula do soneto clássico.

É decassílabo, o que significa que contém dez sílabas poéticas em cada estrofe. A sílaba poética, ou sílaba métrica, diferencia-se da gramatical porque ela é definida pela sonoridade. A contagem das sílabas numa estrofe termina na última sílaba tónica. O formato do soneto clássico e a sonoridade estão diretamente relacionados ao conteúdo do poema. Nas onze primeiras estrofes temos o desenvolvimento de um raciocínio, e, nessas estrofes, observamos uma sonoridade próxima das rimas e da pausa na sexta sílaba métrica.

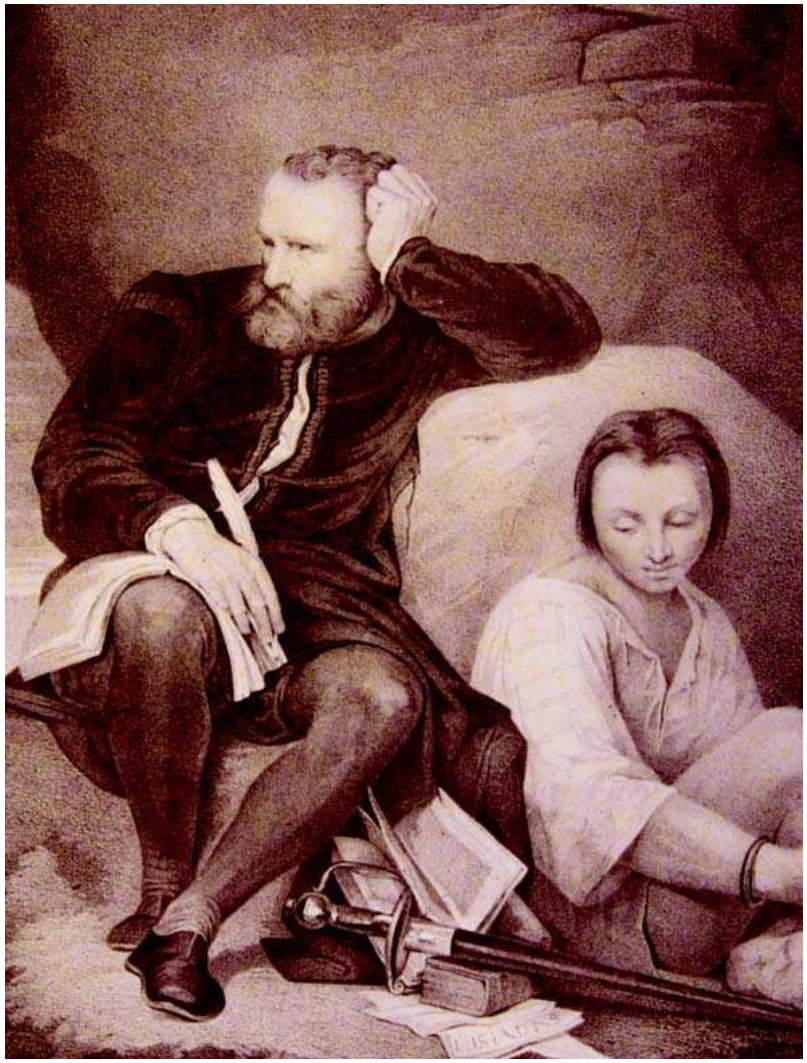
O tema da poesia é desenvolvido por meio do silogismo, que é um sistema de raciocínio desenvolvido por Aristóteles em que as afirmações prepositivas levam a uma conclusão lógica. No poema de Camões, as preposições são feitas nos dois quartetos e no primeiro terceto, sendo a última estrofe a conclusão do silogismo. Camões exprime a dualidade desse sentimento de uma forma exemplar: alcançando o cerne de um dos sentimentos mais complexos que existem; que nos provoca tanto prazer e sofrimento ao mesmo tempo.

A poesia amorosa de Camões é sensual, do homem tragado pela volúpia do corpo, encantado pela forma feminina, do boémio apaixonado e exaltado, tudo numa medida em que mantém um certo zelo pela imagem cantada, ainda quando o retrato é o da dor e da decepção amorosa, da traição ou do abandono. O tema amoroso em Camões tem uma vertente melancólica, à sombra do desencanto do eu perante a impossibilidade de se cumprir a plenitude da felicidade a partir do amor.

O poema torna-se intemporal na medida em que o tema abordado é universal e as figuras usadas para desenvolvê-lo são complexas e belas. Camões consegue conciliar imagens muito opostas para explicar o que é o amor.

O Amor, assim como tudo na vida, é um jogo de dualidades, de ambiguidades, que faz parte do cerne do ser humano. Não existe sentimento humano que possa ser explicado de forma clara e simples. Porém, alguns poetas conseguem exprimir de forma inteligível coisas tão complexas como o amor.

Mais, a palavra Amor (do latim amore) é uma emoção ou sentimento que leva uma pessoa a desejar o bem a outra pessoa ou a uma coisa. O uso do vocábulo, contudo, empresta-lhe outros tantos significados, quer comuns, quer conforme a ótica de apreciação, tal como nas religiões, na filosofia e nas ciências humanas.



Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.
É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo amor?

(Rimas, Soneto 5, p. 119

OS LUSÍADAS

Publicado no século XVI é considerado um dos mais importantes livros portugueses.

Os Lusíadas é um poema épico formado por 1.102 estrofes e 8.816 versos, todos em oitavas decassilábicas, sujeitas em esquema rímico fixo e dividido em dez cantos e apresenta a seguinte estrutura épica:

- proposição ou prólogo;
- invocação a uma divindade;
- dedicatória;
- relato das aventuras de Vasco da Gama;
- conclusão ou epílogo.

Publicada em 12 de março de 1572, há 452 anos, a célebre criação do poeta Luís Vaz de Camões, teve duas edições e ambas impressas por António Gonçalves. Tem por título "Os Lusíadas de Luiz de Camões. Com privilegio real. Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição, e do Ordinário; em casa de António Gonçalves, impressor, 1572".

Qual a origem do nome **Lusíadas**?

Essa palavra foi adjetivada por André de Resende, contemporâneo de Camões, antes que este lançasse a sua obra. Deriva de *Lusus,* personagem legendário, companheiro de Baco, considerado como povoador da região que viria a ser Portugal, cujo nome passou aos *Lusitani*, habitantes locais.

Qual é o tema central de *Os Lusíadas*?

Trata-se de uma epopeia com dez cantos onde o autor glorifica os feitos dos portugueses através da epopeia dos descobrimentos.

Narra a descoberta do caminho marítimo para o Oriente por Vasco da Gama e encerra ainda uma síntese da História pátria.

Como Camões salvou *Os Lusíadas*?

A publicação do poema só foi possível porque (diz a tradição) Camões terá conseguido salvar os seus manuscritos de um naufrágio que sofreu no regresso da Índia. Conta-se que nadou com um braço e com o outro salvou os manuscritos.

Onde está a primeira edição de *Os Lusíadas*?

A primeira edição de Os Lusíadas viu a luz do dia, em março de 1572.

A epopeia de Luís Vaz de Camões foi vendida por apenas 85 cêntimos ao Ateneu Comercial do Porto em 1904 e, em 2024, vale mais de 350 mil euros. A obra valorizou centenas de milhares de euros em 120 anos.

Onde está o original de *Os Lusíadas*?

Na Biblioteca Nacional da Espanha, Madrid.

Em quantas línguas está traduzido *Os Lusíadas*?

- Podemos encontrar versões d'*Os Lusíadas* em espanhol (1580), francês (1735), alemão (1806-1807), italiano (1658), húngaro (1865), holandês (1777), inglês (1655), russo, japonês, dinamarquês, sueco e até em concani ou esperanto.

- O investigador Amadeu Ferreira traduziu *Os Lusíadas*, em 2010, para a língua mirandesa, após oito anos de trabalho.

- Foi traduzido, em 2021, para turco por um antigo estudante de Erasmus, Ibrahim Aybek, que acredita que a leitura da epopeia dos portugueses pode também revelar uma certa admiração do poeta pelos turcos.

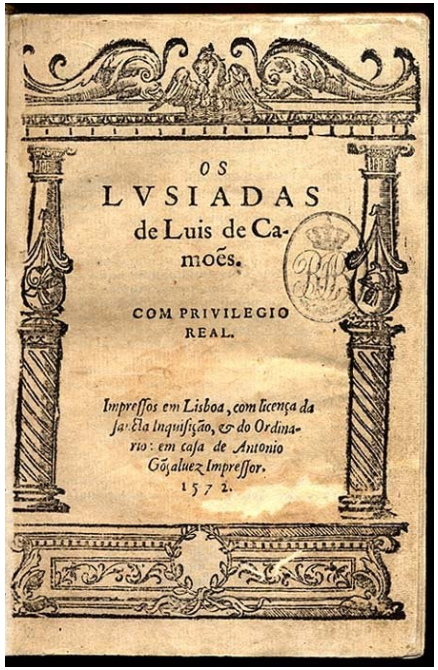
- A mais antiga edição latina da qual se tem notícia foi feita por Frei Tomé de Faria, bispo de Targa. A obra foi impressa em Lisboa, em 1622. A tradução latina foi feita em versos hexâmetros dactílicos, o metro heroico, uma característica comum em poemas épicos. Tomé de Faria deixou de traduzir as últimas doze estâncias do Canto X, substituindo-as por uma apóstrofe ao rei D. Manuel, em sete versos hexâmetros, em vez das últimas estâncias do poema.

- *THE LUSIADS*, em inglês, reúne o poema épico de Luís Vaz de Camões com a tradução realizada em 1880 por Sir Richard Francis Burton, tido como um dos grandes eruditos e tradutores britânicos de sempre. Mais que uma obra literária, pode-se dizer que é uma obra de arte, tal foi o empenho do autor em mantê-la com esta regularidade formal, conservando a métrica, as rimas e os versos em decassílabos da epopeia de Camões.

- A primeira edição em árabe da obra poética mais célebre da literatura portuguesa tem 1000 exemplares e foi lançada no Dubai, em janeiro de 2022, pela Livraria Lello. A tradução árabe ficou a cargo de Abdeljelil Larbi, professor de Literatura Árabe no Instituto Universitário de Lisboa. Após um cuidadoso trabalho de tradução que demorou dois anos a ficar concluído e incluiu uma completa pesquisa documental, o tradutor destaca que "a língua árabe e os leitores árabes, ganharão com a presença desta obra nos seus países".

Obra literária

A produção literária de Camões abrange quatro modos: o épico (com *Os Lusíadas*), o lírico (em *Rimas*), o dramático (com os seus "autos" ou "comédias": *Anfitriões, Filodemo* e *El-Rei Seleuco*) e o didático (nas suas cartas, publicadas inicialmente na obra *Rimas*).



Os Lusíadas (1572) — epopeia

Alguns estudiosos afirmam que Camões começou a escrever *Os Lusíadas* por volta de 1552, quando estava preso. Ao voltar para Goa, sofreu um naufrágio e quase perdeu os originais da sua obra-prima. Diz-se que nadou com um braço enquanto o outro permanecia erguido e segurava o manuscrito. Anos mais tarde, em 1572, publicou *Os Lusíadas*, dedicado a rei D. Sebastião (1554-1578), que concedeu ao autor uma pensão durante três anos.

É o único livro publicado em vida do autor.

COMEDIA
DOS ENFATRIÕES.
COMPOSTA POR LVIS DE CAMÕES.
Em a qual entrão as figuras seguintes.
Enfatrião.
Almena sua molher.
Sosia seu moço.
Bromia sua criada.
Belferrão patrão.
Antelio primo della com seu moço.
Iupiter.
Mercurio.
Entra logo Almena sandosa do marido que he na guerra, & diz.
Em Lisboa. Impressa com todas as licenças necessarias. Por Vicente Alvarez. 1615.

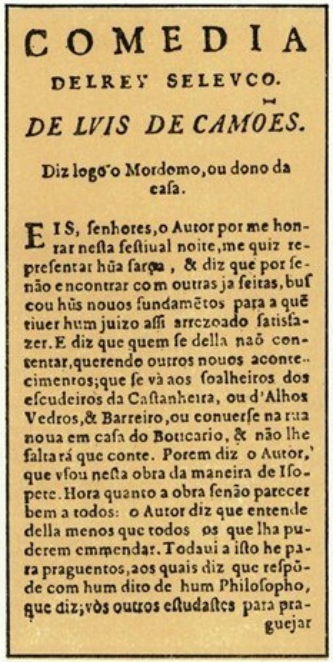
Anfitriões (1587) — teatro

Anfitriões é uma comédia, escrita em forma de auto. Foi publicada em 1587 (após a morte do autor), sendo uma adaptação do *Amphitryon* de Plauto, onde acentua o caráter cómico do mito de Anfitrião, destacando a omnipotência do amor, que subjuga até os imortais, também seguindo a tradição vicentina.

Filodemo (1587) — teatro

Filodemo é uma comédia, escrita em forma de auto. Foi composto na Índia e dedicado ao vice-rei Dom Francisco Barreto. Trata-se de um texto sobre a moralidade, em cinco atos, de acordo com a divisão clássica, sendo uma de três obras que se lhe atribuem e que se manteve mais viva no interesse da crítica pela multiplicidade de experiências humanas que descreve e pela agudeza da observação psicológica. O tema versa sobre os amores de um criado, Filodemo, pela filha, Dionisa, do fidalgo em casa de quem serve, com traços autobiográficos. O conteúdo geral da obra combina o nacionalismo e a inspiração clássica, na tradição das comédias de Gil Vicente.

RIMAS
DE
LVIS DE
CAMÕES.
PRIMEIRA PARTE.
Agora nouamente emendadas nesta vltima impressão, & acrecentada hũa Comedia nunca atègora impressa.
EM LISBOA Com todas as licenças.
Na Officina de Paulo Craesbeeck Impressor, & Liureiro das tres Ordẽs Militares, & à sua custa. An. 1645


COMEDIA
DELREY SELEVCO.
DE LVIS DE CAMOES.
Diz logo o Mordomo, ou dono da casa.
EIS, senhores, o Autor por me honrar nesta festiual noite, me quiz representar hũa farça, & diz que por se não encontrar com outras ja feitas, buscou hũs nouos fundamẽtos para a quẽ tiuer hum juizo assi arrezoado satisfazer. E diz que quem se della naõ contentar, querendo outros nouos acontecimentos; que se và aos soalheiros dos escudeiros da Castanheira, ou d'Alhos Vedros, & Barreiro, ou conuerse na rua noua em casa do Boticario, & não lhe faltará que conte. Porem diz o Autor, que vsou nesta obra da maneira de Isopete. Hora quanto a obra senão parecer bem a todos: o Autor diz que entende della menos que todos os que lha puderem emmendar. Todauia isto he para praguentos, aos quais diz que respõde com hum dito de hum Philosopho, que diz; vòs outros estudastes para praguejar

El rei Seleuco (1545/1616) — teatro

El-Rei Seleuco (escrito em 1545, impresso pela primeira vez em 1616) é uma peça de teatro. Trata-se de um auto que satiriza a nobreza. A trama baseia-se na intenção do rei de desposar a mulher que o seu filho ama. A atribuição da autoria de *El-Rei Seleuco* a Camões é, porém, controversa. A sua existência não era conhecida até 1654, quando apareceu publicada na primeira parte das *Rimas*. Não dá detalhes sobre a sua origem e teve poucos cuidados na edição do texto. A peça também diverge em vários aspetos das outras duas que sobreviveram, tais como em sua extensão, bem mais curta (um ato), na existência de um prólogo em prosa e no tratamento (menos profundo) e menos erudito do tema amoroso. O tema, da complicada paixão de Antíoco, filho do rei Seleuco, por sua madrasta, a rainha Estratonice, foi tirado de um fato histórico da Antiguidade transmitido por Plutarco e repetido por Petrarca e pelo cancioneiro popular espanhol, trabalhando-o ao estilo de Gil Vicente.

RHYTHMAS
DE LVIS DE CAMOES.
Diuididas em cinco partes.
Dirigidas ao muito Illuſtre ſenhor D. Gonçalo Coutinho.
MIHI TAXVS
Impreſſas com licença do ſupremo Conſelho da geral Inquiſição, & Ordinario.
EM LISBOA,
Por Manoel de Lyra, Anno de M. D. Lxxxv.
A cuſta de Eſtevão Lopez mercador de libros.

Rimas (1595) — poesia lírica

A poesia camoniana é caracterizada pelo uso da medida nova, isto é, versos decassílabos (10 sílabas). No entanto, alguns dos seus poemas dialogam com o trovadorismo (poesia medieval). Portanto, apresentam redondilhas, que são versos de cinco ou sete sílabas. Os seus poemas são compostos em versos regulares.

As principais temáticas da poesia camoniana são o desconcerto do mundo e a inconstância, marcadas por uma visão antropocêntrica. Adepto do neoplatonismo, a sua poesia idealiza o amor e a mulher amada. Além disso, o poeta demonstra uma visão filosófica do amor, definido por meio de antíteses e paradoxos.

Luís de Camões lendo *Os Lusíadas*, por António Carneiro

Camões lendo *Os Lusíadas* a D. Sebastião, em litografia de 1893.

Crédito: Shutterstock
Direitos de autor: Copyright (c) 2021

5 de maio – Dia Mundial da Língua Portuguesa

O **Dia Mundial da Língua Portuguesa** é comemorado a 5 de maio. A data foi instituída em 2009, no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com o propósito de promover o sentido de comunidade e de pluralismo dos falantes do português, tendo sido designado por **Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP.** Em 2019, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) proclamou esta data como **Dia Internacional da Língua Portuguesa ou Dia da Língua Portuguesa nas Nações Unidas**.

A língua portuguesa, também designada português, é uma língua indo-europeia românica flexiva ocidental originada no galego-português falado no Reino da Galiza e no norte de Portugal. Com a criação do Reino de Portugal, em 1139, e a expansão para o sul na sequência da Reconquista, deu-se a difusão da língua pelas terras conquistadas e mais tarde, com as descobertas portuguesas, para o Brasil, África e outras partes do mundo. O português foi usado, naquela época, não somente nas cidades conquistadas pelos portugueses, mas também por muitos governantes locais nos seus contatos com outros estrangeiros poderosos. Especialmente nessa altura a língua portuguesa também influenciou várias línguas.

Durante a Era dos Descobrimentos, os marinheiros portugueses levaram o seu idioma para lugares distantes. Como resultado dessa diáspora, o português dispersou-se pelo mundo. Brasil e Portugal são os dois únicos países cuja língua primária é o português. É língua oficial em antigas colônias portuguesas, nomeadamente, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné Equatorial, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, todas na África. Além disso, por razões históricas, falantes do português, ou de crioulos portugueses, são encontrados também em Macau (China), Timor-Leste (língua oficial), em Damão e Diu e no estado de Goa (Índia), Malaca (na Malásia), em enclaves na ilha das Flores (Indonésia), Baticaloa no (Sri Lanka) e nas ilhas ABC no Caribe. É uma das línguas oficiais da União Europeia, do Mercosul, da União de Nações Sul-Americanas, da Organização dos Estados Americanos, da União Africana e dos Países Lusófonos.

Tem, aproximadamente 280 milhões de falantes, e o português é a 5.ª língua mais falada no mundo, a 3.ª mais falada no hemisfério ocidental e a mais falada no hemisfério sul do planeta. O português também é conhecido como "**a língua de Camões**" (em homenagem a uma das mais conhecidas figuras literárias de Portugal, Luís Vaz de Camões).

MENSAGEM DO SECRETÁRIO-GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS

"Este dia mundial é um reconhecimento justo da relevância global da língua portuguesa. Estou seguro de que o seu futuro continuará a ser enriquecido pela diversidade e solidariedade de todas as suas vozes."

— António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas na ocasião do Dia Mundial da Língua Portuguesa 2021

Dados Eurocid:

Links relacionados

Dia Mundial da Língua Portuguesa 2023 | Camões, Instituto da Cooperação e da Língua
Dia Mundial da Língua Portuguesa | Rede de Bibliotecas Escolares
Dia Mundial da Língua Portuguesa | UNESCO
Delegação Permanente de Portugal junto da Unesco
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)
UE - Lusofonia | Portal Eurocid

Camões - símbolo nacional português

A identificação de Camões e da sua obra como símbolos da nação portuguesa parece datar, como acredita Vanda Anastácio, do início da monarquia dual de Filipe II de Espanha, pois aparentemente o monarca entendeu que seria de interesse prestigiá-los como parte de sua política para assegurar a legitimidade do seu reinado sobre os portugueses, o que justifica a sua ordem de imprimir duas traduções em castelhano de *Os Lusíadas* em 1580, pelas universidades de Salamanca e Alcalá de Henares, e sem as submeter à censura eclesiástica. Mas Camões tornou-se especialmente importante em Portugal no século XIX, quando, conforme afirmaram Lourenço, Freeland, Souza e outros autores, *Os Lusíadas* sofreu um processo de releitura e mitificação por alguns dos expoentes do Romantismo local, como Almeida Garrett, Antero de Quental e Oliveira Martins, que o colocaram como um símbolo da história e do destino que estaria reservado ao país. Até mesmo a biografia do poeta foi readaptada e romantizada para servir aos seus interesses, introduzindo-se uma nota messiânica a seu respeito no imaginário popular da época. Os objetivos principais desse movimento eram compensar o saudosismo dos tempos de glória e a perceção então prevalente de Portugal como uma periferia pouco significativa da Europa, e dar à sua história um sentido mais positivo, abrindo-lhe novas perspetivas de futuro.

Essa tendência atingiu um ponto alto por ocasião das comemorações do tricentenário da morte do poeta, realizadas entre 8 e 10 de junho de 1880. Num momento de crise por que Portugal passava, quando se questionava a

Monumento ao poeta na Praça de Luís de Camões, no Bairro Alto, em Lisboa.

legitimidade da monarquia e se ouviam fortes reivindicações pela democracia, a figura do poeta tornou-se um foco para a causa política e um motivo para reafirmações do valor português contra um pano de fundo ideológico positivista, agregando diferentes segmentos da sociedade, como foi sintetizado nas notícias dos jornais: *"O Centenário de Camões neste momento histórico, e nesta crise dos espíritos tem a significação de uma revivescência nacional"*... *"É sublime o acordo entre as conclusões científicas das mais elevadas inteligências da Europa e a intuição da alma popular que encontram em Camões o representante duma literatura inteira e a síntese da nacionalidade"*... *"Todas as forças vivas da nação se aliavam nesse grande preito à memória do homem cuja alma foi a síntese grandiosa da alma portuguesa"*. Sugestivamente, o comité organizador das festividades intitulou-se "Comité de Salvação Pública". Diversos estudos críticos vieram a luz no momento, incluindo estrangeiros, e a festa nas ruas atraiu enorme público. O tricentenário foi comemorado no Brasil com entusiasmo semelhante, com publicação de estudos e cerimónias em muitas cidades, transbordando os círculos intelectuais, e tornou-se um pretexto para um estreitamento das relações entre os dois países. Em vários outros países a data foi noticiada e comemorada.

Durante o Estado Novo essa ideologia não foi muito modificada na essência, mas sim na forma de interpretação. O poeta e a sua obra-prima tornaram-se instrumentos propagandísticos de consolidação do Estado e passou-se a divulgar então uma ideia de que Camões era não apenas um símbolo nacional, mas um símbolo cujo significado era tão particular à sensibilidade

portuguesa que só poderia ser compreendido pelos próprios portugueses. A ironia é que esta abordagem gerou efeitos contrários imprevistos, e aquele mesmo estado, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, queixava-se de que a comunidade internacional não entendia Portugal.

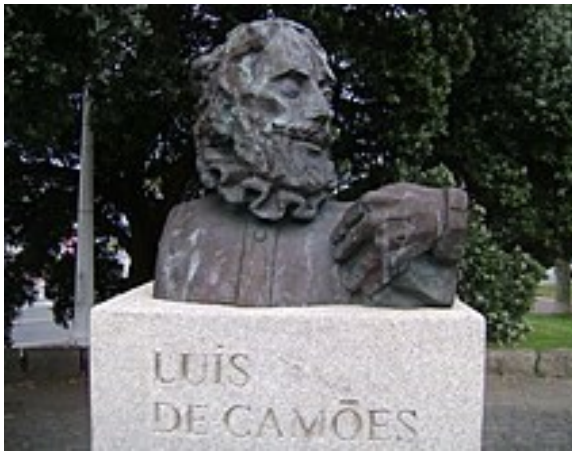
Três anos depois da Revolução de abril de 1974 Camões foi associado publicamente às comunidades portuguesas de além-mar, tornando-se a data de sua morte o **"Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas"**, no intuito de dissolver a imagem de Portugal como um país colonizador e se criar um novo senso de identidade nacional que englobasse os muitos emigrantes portugueses espalhados pelo mundo. Essa nova ideologia foi reafirmada nos anos 80 com a publicação de *Camões e a Identidade Nacional*, um volume elaborado pela Imprensa Nacional contendo declarações de importantes figuras públicas da nação. A sua condição de símbolo nacional permanece nos dias de hoje, e outra evidência do seu poder como tal foi a transformação, em 1992, do Instituto de Língua e Cultura Portuguesa em Instituto Camões, que passou da administração do Ministério da Educação para a do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Tendo influenciado a evolução da literatura portuguesa desde o século XVII, Camões continua a ser uma referência para muitos escritores contemporâneos, tanto em termos de forma e conteúdo como se tornando ele mesmo um personagem em outras produções literárias e dramatúrgicas. Vasco Graça Moura considera-o o maior vulto de toda a história portuguesa, por ter sido o fundador da língua portuguesa moderna, por ter como ninguém compreendido as grandes tendências do seu tempo, e

por ter conseguido dar forma, através da palavra, a um senso de identidade nacional e erguer-se à condição de símbolo dessa identidade, transmitindo uma mensagem que se mantém viva e atual. E como afirmou Iolanda Ramos,

> *"O nome do poeta surge como um símbolo da união do mundo lusófono. Nesta medida, ganha lugar de destaque a acção exercida pelo Instituto Camões que, em Portugal tal como no estrangeiro, mantém vivo o nome desta figura ímpar e sublinha o elo que a une a outras personalidades nossas contemporâneas. O simples vínculo do nome de Camões a autores consagrados da língua portuguesa, como Miguel Torga, Vergílio Ferreira, José Saramago, Eduardo Lourenço e Sophia de Mello Breyner Andresen incentiva, por sua vez, os mais curiosos a informarem-se sobre o poeta que dá nome ao Prémio (Prémio Camões) outorgado todos os anos desde 1989".*

Retirado de: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_de_Cam%C3%B5es



Busto de Camões na praça de Portugal da Corunha, Galiza, (Espanha).

COIMBRA - MONUMENTO A LUÍS DE CAMÕES

O monumento em homenagem a Luís de Camões foi uma iniciativa dos Estudantes da Universidade de Coimbra, por ocasião das comemorações dos trezentos anos da morte do poeta, decorrendo a sua inauguração em 8 de maio de 1881, próximo da Porta Férrea, local onde foi colocado na altura. Em 1948 foi desmontado e retirado deste local para dar lugar ao atual edifício da Faculdade de Letras (altura em que decorriam as obras de remodelação da alta coimbrã). Em 1983 voltou a ser reerguido sendo reinaugurado a 19 de junho, na Rua do Arco da Traição, nas traseiras do edifício das Faculdades de Física e Química, encostado ao edifício do Instituto de Justiça e Paz, tarefa conseguida através dos esforços conjuntos da Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, a Direção-Geral da Académica de Coimbra, da Reitoria da Universidade e da Câmara Municipal de Coimbra. Em 2005 por iniciativa da Câmara Municipal de Coimbra, o monumento foi novamente transferido de local, passando para o fundo da Avenida Sá da Bandeira (faixa central), onde atualmente ainda se encontra, tendo decorrido a sua reinauguração no dia 14 de setembro do mesmo ano.

Retirado de: https://www.culturacentro.gov.pt/pt/museus/museu-virtual-de-arte-publica/coimbra/coimbra/monumento-a-luis-de-camoes/

COIMBRA - MONUMENTO A LUÍS DE CAMÕES

Autor: António Augusto Gonçalves (1848-1932)

Materiais da Peça: Pedra calcária e bronze, 153 cm

OS LUSÍADAS – INÊS DE CASTRO, DE LUÍS DE CAMÕES

Inês de Castro é um episódio lírico-amoroso que simboliza a força e a veemência do amor em Portugal. O episódio ocupa as estâncias 118 a 135 do Canto III de *Os Lusíadas* e relata o assassinato de Inês de Castro, em 1355, pelos ministros do rei D. Afonso IV de Borgonha, pai de D. Pedro, seu amante. É narrado, em sua maior parte, por Vasco da Gama, que conta a história de Portugal ao rei de Melinde. Considerado um dos mais belos momentos do poema, é a um só tempo um episódio histórico e lírico: por trás da voz do narrador, e da própria Inês, percebe-se a voz e a expressão pessoal do poeta. Camões, através da fala de Vasco da Gama, destaca do episódio sua carga romântica e dramática, deixando em segundo plano as questões políticas que o marcam.
Fernão Lopes, Garcia de Resende e Antônio Ferreira já haviam explorado, em prosa, em verso e no teatro, respetivamente, a figura histórica de Inês Pires de Castro:

Dom Pedro, Príncipe de Portugal, filho do Rei Afonso IV, era casado com D. Constança, mas se apaixonara por Inês de Castro, dama de companhia de D. Constança e filha ilegítima de um nobre galego.

Pedro e Inês, por Ernesto Condeixa

Com a morte de D. Constança, Inês foi morar em Coimbra às margens do Rio Mondego e D. Pedro, futuro Rei de Portugal, viúvo, queria selar seu amor com Inês fazendo dela sua rainha.

Os terríveis verdugos trouxeram Inês e seus filhos perante o Rei. Depois de ouvir a sentença, Inês ergueu os olhos aos céus e disse:

"*Até mesmo as feras, cruéis de nascença, e as aves de rapina já demonstraram piedade com as crianças pequenas. O senhor, que tem o rosto e o coração humanos, deveria ao menos compadecer-se destas criancinhas, seus netos, já que não se comove com a morte de uma mulher fraca e sem força, condenada somente por ter entregue o coração a quem soube conquistá-lo. E se o senhor sabe espalhar a morte com fogo e ferro, vencendo a resistência dos mouros, deve saber também dar a vida, com clemência, a quem nenhum crime cometeu para perdê-la. Mas se devo ser punida, mesmo inocente, mande-me para o exílio perpétuo e mísero na gelada Cítia ou na ardente Líbia onde eu viva eternamente em lágrimas. Ponha–me entre os leões e tigres, onde só exista crueldade. E verei se neles posso achar a piedade que não achei entre corações humanos. E lá, com o amor e o pensamento naquele por quem fui condenada a morrer, criarei os seus filhos, que o senhor acaba de ver, e que serão o consolo de sua triste mãe*."

por Columbano Bordalo Pinheiro

Comovido com essas palavras, o Rei já pensava em absolver Inês, quando os verdugos, que defendiam a execução, sacaram de suas espadas e degolaram Inês.

Isso aconteceu em 1355 e diz a lenda que D. Pedro, inconformado, mandou vestir a noiva com roupas nupciais, sentou o cadáver no trono e fez os nobres lhe beijarem a mão, daí falar-se que "a infeliz foi rainha depois de morta".

Na verdade, D. Pedro manda transladar o corpo de Inês do mosteiro com pompas de rainha para o mosteiro de Alcobaça em 1361, quando já era rei. Portanto, seis anos após o assassinato.

Ao subir ao trono D. Pedro conseguiu que outro Pedro, o Cruel, rei de Castela, lhe entregasse os homicidas, que para lá fugiram, pois, os dois monarcas tinham um pacto de devolver um ao outro os respetivos inimigos.

Para imortalizar seu amor por Inês, D. Pedro jurou em presença de sua corte que se havia casado clandestinamente com ela, transformando-a, dessa maneira, em rainha após a morte.

Camões em *Os Lusíadas*, relata assim:

Episódio de Dona Inês de Castro
(Os Lusíadas, Canto III, 118 a 135)

Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana Terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.
Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruito,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuito,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e dino da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que despois de ser morta foi Rainha.
Aos montes insinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.
Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fernosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.
Tu, só tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.

De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,
Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,

Crendo co sangue só da morte ladina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra hûa fraca dama delicada?
Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,
Pera o céu cristalino alevantando,
Com lágrimas, os olhos piedosos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos);
E despois, nos mininos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfindade como mãe temia,
Pera o avô cruel assi dizia:
(Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento
Como co a mãe de Nino já mostraram,
E cos irmãos que Roma edificaram:
ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar hûa donzela,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.
E se, vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida, com clemência,
A quem peja perdê-la não fez erro.
Mas, se to assi merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.
Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Ali, co amor intrínseco e vontade
Naquele por quem mouro, criarei
Estas relíquias suas que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste.)
Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra hûa dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavaleiros?
Qual contra a linda moça Polycena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela, os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha),
Na mísera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrifício se oferece:
Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que despois a fez Rainha,
As espadas banhando e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.
Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia !
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.
Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lacivas maltratada
Da minina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:

Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.

O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores.

Fonte:
https://www.passeiweb.com/os_lusiadas_ines_de_castro/